

O Brasil colonial nos livros didáticos

Karla Maria Da Silva
Lupercio Antonio Pereira
Universidade Estadual de Maringá (CRV)

Resumo: O presente trabalho apresenta as linhas gerais e as primeiras impressões de um projeto de pesquisa ainda em fase de desenvolvimento. Tal projeto, que propõe estudar a forma como os conteúdos relacionados à história do Brasil colonial são abordados em livros didáticos adotados no Ensino Fundamental e Médio, em escolas públicas e privadas de Maringá, tem como objetivo verificar se as novas abordagens referentes ao tema - as quais vêm sendo amplamente debatidas no meio acadêmico e também serão objeto de reflexão ao longo da pesquisa - têm sido contempladas nesses livros e transmitidas aos alunos dos níveis de ensino mencionados.

Palavras-chave: Brasil colonial; livros didáticos.

Notadamente, nas últimas duas décadas tem se verificado uma retomada dos estudos acerca do período colonial, os quais, durante um longo período, não tiveram prioridade na agenda de grande parte dos historiadores, ou seja, foram “relegados a um segundo plano pouco honroso”, como escreveu Laura de Mello e Souza (2009, p. 63).

Esses estudos vêm trazendo novos e importantes elementos para a compreensão da história do período em questão, mas um aspecto chama especial atenção: é possível identificar uma ruptura com antigas abordagens históricas relacionadas ao Brasil colonial. Por exemplo, a visão dicotômica da relação entre colônia e metrópole e da contradição de interesses entre colonos e reinóis, mostrou-se insuficiente para a reconstituição da história do Brasil colônia e vem sendo superada. Essas novas análises, apontam a relação entre Brasil e Portugal como uma questão muito mais complexa do que sugere o binômio colônia *versus* metrópole.

Com base nesse olhar mais atento para a complexidade das relações entre Brasil e Portugal e dos questionamentos em torno dos conflitos existentes entre metrópole e colônia, vem se consolidando a ideia de “império marítimo português” - expressão disseminada por Charles Boxer. Nesse caso, o Brasil, assim como as possessões da África e da Ásia, aparece como parte integrante de Portugal, como extensão de seu território.

Foi no início da década de 1970 que começaram a aparecer novos posicionamentos em relação à interpretação histórica do período colonial no Brasil. As formulações consagradas pela chamada *escola paulista*, cujos expoentes são Caio Prado Junior e Fernando Novais, passaram a ser alvo de muitas críticas, formuladas a partir de novas pesquisas e reflexões, cujo foco era dirigido para a dinâmica interna da sociedade colonial. Ciro Flamarion Cardoso foi um dos expoentes dessa nova corrente historiográfica. Mesmo aceitando a tese da subordinação da produção colonial ao mercado externo, ele criticou, conforme notou

Claudinei Mendes, *a visão monolítica de Caio Prado e apontou para as brechas do sistema e para as reações dos colonos* (MENDES, 1997: 43), dando maior atenção à autonomia das estruturas sócio-econômicas da colônia.

A partir das formulações de Ciro Flamarion, uma nova geração de historiadores se voltou para o estudo da dinâmica interna da sociedade colonial, trabalhando com novas fontes, como séries estatísticas, testamentos, registros de entrada e saída de tropeiros, listas portuárias de entradas e saídas de embarcações (ligadas ao comércio atlântico e ao comércio de cabotagem), almanaques comerciais etc. Assim, muitos historiadores deixaram de olhar exclusivamente para as relações externas do sistema colonial e voltaram suas atenções para o interior da colônia.

Um grupo significativo dessa nova corrente de historiadores, fortalecida a partir da década de 1990 e concentrada no Rio de Janeiro, formou-se, principalmente, em torno de João Luís Fragoso, Manolo Florentino, Maria Fernanda Bicalho e Maria de Fátima Gouvêa, pesquisadores renomados que têm lançado mão de novos aportes teóricos-metodológicos.

Nota-se, assim, um sopro de renovação na historiografia brasileira que trata do período colonial, a qual chegou a problematizar o próprio conceito de antigo sistema colonial e a ênfase que este modelo explicativo dá para a produção voltada para fora, considerando-o insuficiente para entender a complexidade da sociedade e da economia coloniais. Essa nova corrente tem chamado a atenção para aspectos importantes da sociedade colonial brasileira, como por exemplo: 1) uma diversificação maior da economia colonial e a existência de um mercado interno mais significativo do que o pensado pela chamada *escola paulista*; 2) a dependência relativa da economia colonial em relação à Europa; 3) a existência de um empresariado local poderoso em termos econômicos e bastante influente em termos sociais e políticos; 4) a existência de um processo endógeno de acumulação de riqueza; 5) sua inserção nos quadros gerais do império português e o desenvolvimento de estruturas políticas e administrativas próprias do Antigo Regime.

Assim sendo, o estudo do Brasil colonial tem ganhado amplo espaço nos debates acadêmicos nas últimas duas décadas e, conseqüentemente, novas possibilidades de interpretação. A despeito disso, uma pesquisa preliminar revela que, nos livros didáticos, o modelo teórico-metodológico aplicado à análise dos conteúdos referentes ao tema ainda não apresenta uma renovação significativa, ou seja, continua vinculado às abordagens tradicionais consagradas pela já mencionada escola paulista. Isso evidencia uma defasagem e um descompasso entre o saber acadêmico e o saber escolar, o que deve ser objeto de reflexão de historiadores/autores de livros didáticos.

Contudo, apesar de se tratar de uma questão importante tanto para os historiadores quanto para a sociedade de modo geral, a incidência e o impacto dos debates acadêmicos na produção dos livros didáticos é um tema ainda pouco explorado pela historiografia. Assim, os resultados obtidos com essa pesquisa poderão trazer à luz elementos importantes para a reflexão do problema.

Para tanto, faz-se necessário realizar uma análise sistematizada de como os conteúdos referentes ao Brasil do período colonial vêm sendo apresentados nos livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio, de modo a entender como os debates acadêmicos têm se refletido no processo de ensino. Além disso, também é preciso pontuar a abordagem consagrada pela escola paulista no estudo do Brasil colonial, discutir as novas abordagens teórico-metodológicas relativas ao tema mencionado.

Nesse processo de investigação a metodologia adotada será a pesquisa e o estudo bibliográficos, envolvendo análise interna ou textual do material elencado (cada texto tem uma dimensão interna, uma estrutura e uma lógica próprias) e intertextual (no sentido do diálogo com outros textos). Além disso, é preciso considerar que o material a ser analisado não é autoexplicativo, de modo que só adquire inteligibilidade se visto como parte de um processo histórico mais amplo. Num outro plano, far-se-á a relação das formulações presentes no material analisado com a produção historiográfica destinada ao público escolar, ou seja, com os livros didáticos.

Diante do exposto, espera-se, com o resultado final dessa pesquisa, esclarecer até que ponto e de que maneira os debates acadêmicos mais recentes acerca do Brasil do período colonial têm penetrado nos conteúdos dos livros didáticos utilizados no Ensino Fundamental e Médio e contribuir para a dinamização do diálogo entre as duas partes.

REFERÊNCIAS:

BICALHO, Maria Fernanda; FERLINI, Vera Lúcia Amaral. *Modos de Governar: idéias e práticas políticas no império português, século XVIII a XIX*. São Paulo: Alameda, 2005.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese(Doutorado)- FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.

BRASIL. MEC. *Recomendações para uma política pública de livros didáticos*. Brasília: MEC, 2001, p. 29.

DEIRÓ, Maria de Lourdes Chagas. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Moraes, 1978.

FONSECA, Selva G. *Caminhos da história ensinada*. Campinas: Papyrus, 1993.

FRAGOSO, João Luís. *Homens de grossa ventura. Acumulação e Hierarquia na Praça Mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; JUCÁ, Antonio C.; CAMPOS, Adriana. *Nas Rotas do Império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*. Vitória: Edufes; Lisboa: IICT, 2006.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *Nas Tramas da Rede. Política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FREITAG, Bárbara et al. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

MENDES, Claudinei Magno Magre Mendes. *A Historiografia Brasileira Relativa à Colonização: uma nova tendência*. In: MENEZES, Sezinando L.; PEREIRA, Lupércio A.; MENDES, Cleudinei M. M. (orgs.). *A expansão e consolidação da colonização portuguesa na América*. Maringá: EDUEM, 2011.

NADAI, Elza. *O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva*. Revista Brasileira de História, v. 13, n. 25-26, p. 143-162, set. 1992.

NOVAIS, F. A. & MOTA, C. G. *Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1977.

OLIVEIRA, João Batista A. et alli. *A política do livro didático*. São Paulo: Sumis; Campinas: Unicamp, 1984.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

PRADO, Ricardo. *Os bons companheiros*. Nova Escola, ano XVI, n. 140, p. 14-20, mar. 2001.

SILVA, Karla Maria da. *A Crise da Economia Colonial: as dimensões internas das práticas mercantilistas nos escritos de Brito e de Vilhena*. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, UNESP. Assis, 2007.

_____. *O Poder Municipal e as Práticas Mercantilistas no Mundo Colonial: um estudo sobre a Câmara Municipal de São Paulo – 1780-1822*. 153 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, UNESP. Assis, 2011.

SIMAN, Lana Mara de Castro; FONSECA, Thaís Nívia de Lima (Orgs.). *Inaugurando a História e construindo a nação. Discursos e imagens no ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.